



## Formação continuada docente: na era da pseudociência

Continuing teacher education: in the age of pseudoscience

Laura Carolina Dinamarco<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, IFSP - Câmpus Sertãozinho

### RESUMO

Num cenário de desvalorização do conhecimento científico, das inúmeras tentativas de disseminação de “teorias” sem fundamentação, de defesa do criacionismo, movimentos antivacinação, astrologia, entre outros que compõe a era da pseudociência, é possível notar que o papel social da escola e do professor passam por total descredibilidade intencionada por governos neoliberais e conservadores. Tendo em vista o panorama político, histórico e social do país, entendemos a necessidade uma análise crítica para ressaltar a importância da formação científica do professor. Desse modo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica tendo como base os trabalhos de autores que contribuem com a proposta de educação contra-hegemônica e calcada na defesa dos conhecimentos científicos e sua contribuição para a formação docente. Portanto, o trabalho em questão explicita elementos que contribuem para advogar em prol da formação docente que seja capaz de diferenciar saber científico do senso comum e proporcionar formas de construir a relação professor-aluno fundamentada na conscientização, problematização, práxis pedagógica e atuação consciente e intencional dos professores e alunos no processo de transformação social. Para tanto, a pesquisa aponta a necessidade de um incentivo à docência e o desenvolvimento de habilidades didático-pedagógicas respaldando-se em embasamentos científicos e sociais.

**Palavras chave:** educação, formação de professores, conhecimento científico.

### ABSTRACT

In a scenario of devaluation of scientific knowledge, the use of dissemination of “theories” without justification, defense of creationism, Flat Earth, anti-vaccination movements, astrology, among other that make up the era of pseudoscience, it is possible to note that the social role the school and the teacher go through total discrediting intended by neoliberal and conservative governments. In view of the political, historical and social panorama of the country, we understand the need for a critical analysis to emphasize the importance of the teacher's scientific training. Thus, a bibliographic research was carried out based on the works of authors who contribute to the proposal of counter-hegemonic education and based on the defense of scientific knowledge as a form of cultural construction and development of the nation. Therefore, the work in question spells out elements that contribute to advocating for teacher training to be able to differentiate scientific knowledge from common sense and provide ways to build the teacher-student relationship based on awareness, problematization, pedagogical practice and conscious and intentional performance of teachers and students in the process of social transformation. To this end, the research points to the need to encourage teaching and the development of didactic-pedagogical skills based on scientific and social foundations.

**Keywords:** education, teacher training, scientific knowledge.

## 1. Introdução

De acordo com Saviani (2009), a primeira escola voltada para a formação de professores foi criada em 1795 em Paris, denominada Escola Normal, a qual se dividia em Escola Normal Primária, para preparar os professores do ensino primário, e Escola Normal Superior, para formar professores de nível secundário. Além da França, Itália, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos foram instalando as Escolas Normais ao longo do século XIX. Essas Escolas Normais possuíam como eixo central a preocupação com o domínio que os professores tinham sobre determinado assunto, pois afirmavam que somente quem tivesse o pleno conhecimento conseguiria ensinar às crianças, porém, deixavam de lado a preocupação com o preparo didático-pedagógico desses professores.

No Brasil, a preocupação com a formação de professores só começou em 1827 com a Lei das Escolas de Primeiras Letras, a qual determinava que os professores fossem treinados no método mútuo. Esse método propunha que os alunos mais adiantados virariam monitores e assumiriam uma função docente. (SAVIANI, 2015).

Logo após, em 1834, ao promulgar o Ato Adicional colocou-se sob responsabilidade da província seguir o modelo dos países europeus e instalar as Escolas Normais. A expansão dessas Escolas iniciou-se no Rio de Janeiro e espalhou-se por todos os estados do Brasil, entretanto, devido ao pequeno número de alunos formados, essas escolas foram fechadas e reabertas periodicamente. (SAVIANI, 2009).

Quase cem anos depois, Anísio Teixeira e Lourenço Filho implantaram e dirigiram o Instituto de Educação do Distrito Federal a partir de 1932 e Fernando de Azevedo, em 1933, implantou o Instituto de Educação de São Paulo. Esses Institutos de Educação eram baseados na Escola Nova, tendo o aluno no centro do processo de construção do conhecimento, ou seja, era um movimento que acreditava na educação como o elemento principal para construir uma sociedade verdadeiramente democrática, pois levaria em consideração as diversidades e respeitando a individualidade do sujeito, permitindo assim, que ele reflita e seja capaz de se inserir na sociedade. (SAVIANI, 2009).

O Instituto Federal de São Paulo foi integrado à Universidade de São Paulo e o Instituto de Educação do Distrito Federal à Universidade do Distrito Federal. Dessa maneira, os Institutos de Educação tornaram-se a base dos estudos superiores de educação.

Depois, em 1939 fundou-se a Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi) no âmbito da Universidade do Brasil, a qual passou a ser modelo para as outras escolas de nível superior. Essa faculdade seguia o “esquema 3+1” do mesmo modelo que os cursos de licenciatura e pedagogia usavam. A licenciatura era responsável por formar os professores que iriam ministrar determinada matéria no nível secundário e a pedagogia formar professores que atuariam nas Escolas Normais. Os três primeiros anos eram voltados para o estudo específico das matérias e o último ano para a formação didática. (SAVIANI, 2009).

Por causa dessa organização do curso de licenciatura, o conteúdo do preparo-didático perdia a sua importância e era visto como mera formalidade para se formar como professor, valorizando somente os conteúdos culturais-cognitivos.

O golpe militar de 1964 foi o responsável por causar mudanças no campo educacional. As Escolas Normais desapareceram e foram transformadas em habilitação específica de Magistério. Assim sendo, os ensinos primário e médio passaram a ser chamados de primeiro grau e segundo grau. (SAVIANI, 2009).

De acordo com Mazzeu (2007), foi a partir da década de 1990 que a educação se atrelou firmemente ao desenvolvimento econômico do país, pois como muitos

documentos oficiais estavam sendo redigidos, deram início ao investimento na formação de professores para a implementação das políticas educacionais. Dessa forma, a educação era vista como um bem de produção, pois era ela quem tinha a capacidade de preparar o trabalhador para o mercado de trabalho.

Durante essa década, no Brasil, aumentou a necessidade de mão-de-obra qualificada, então o sistema de ensino foi reformulado para atender a necessidade do sistema capitalista que precisava de trabalhadores instruídos com a capacidade de resolver problemas, aumentar a produtividade e identificar prioridades. (MAZZEU, 2007).

Para tanto, a pedagogia tecnicista foi apontada como uma solução de alinhamento entre os ideais econômicos e políticos do país, pois introduzia um mercado consumidor com aquilo que consideravam ser de “qualidade” e produzido em menor tempo. Mas na verdade formava o trabalhador de forma fragmentada e isolada. Afinal, ele era introduzido no sistema fordista-taylorista em que o processo de produção ocorria com máquinas automatizadas e trabalho em equipe, então ele deveria ter o conhecimento necessário para resolver possíveis problemas da sua máquina e para evitar perder tempo. (MAZZEU, 2007).

Para atingir esse objetivo, foram propostos novos investimentos na educação. Então, o Banco Mundial passou a investir em livros didáticos, pois ele contribuiria para superar os problemas de má formação docente, já que eles preferiram investir em insumo do que no processo de formação. Além disso, impunha que o setor privado seria o responsável pela produção e distribuição e o setor público permitir as condições para que os professores soubessem como utilizar. (MAZZEU, 2007).

Como os custos seriam destinados para o material didático, a formação do professor foi diretamente afetada, pois diminuiriam o tempo de preparação didático-pedagógica e focariam somente no conhecimento que o professor tem sobre a matéria que iria lecionar. Não bastando, o Banco Mundial também apoiava a educação à distância como forma de reduzir os custos.

Dessa maneira, a educação é moldada para contribuir com crescimento do indivíduo, o qual acarretará em um maior desempenho para a empresa. Então, o trabalhador precisa saber ler e escrever para participar de cursos de treinamentos oferecidos pela empresa, entender recados e dessa forma fazer parte efetiva da empresa. (MAZZEU, 2007).

Entretanto, ao mesmo tempo em que esse modelo necessitava de uma capacitação intelectual, ele impunha barreiras para que fosse ensinado somente o básico para atender as suas necessidades, sem promover um ensino participativo, focado para atender ao capitalismo, ou seja, um esvaziamento ao invés de enriquecimento na formação. Não é o objetivo proporcionar o pleno domínio dos conhecimentos científicos e intelectuais, mas sim disponibilizar somente os conhecimentos de ordem operacional, aqueles que são necessários para a intensificação do trabalho. Dessa forma, a concepção de formação para o trabalhador está vinculada a uma perspectiva utilitarista: o saber fazer em detrimento do saber intelectual.

Realizado esse breve histórico, precisamos explicitar que a luta pela apropriação do conhecimento no processo formativo dos alunos tem como objetivo alcançar a plena socialização do conhecimento como forma de desenvolvimento humano. Para isso, tornou-se necessário investigar e realizar uma análise crítica do contexto histórico no qual o processo de formação docente se desenvolveu.

## **2. Desenvolvimento**

Para iniciarmos o estudo em questão foram selecionados os livros, as teses, dissertações e artigos que tratam sobre a formação de professores, seu processo histórico, o papel da escola e a relação do sistema capitalista com a educação, tendo como principais referências os textos de Saviani, Newton Duarte e utilizando os sistemas de buscas como SciELO e Google Acadêmico para encontrar artigos de acordo com palavras-chave que envolvessem história da educação e formação de professores.

Depois de selecionar as fontes para a pesquisa bibliográfica, realizou-se o fichamento e debates sobre os textos, e posteriormente descreveu-se todas as informações que poderiam colaborar para o desenvolvimento da pesquisa, identificando as ideias principais e refletindo sobre as soluções do trabalho em estudo. Por fim, a análise crítica permitiu definir o objetivo desse estudo e estruturar como seria a argumentação.

Assim sendo, foi possível e apontar as principais influências do processo histórico na construção da formação docente e como o processo de escolarização vem sendo afetado pelo sistema econômico e político, de tal forma que desvaloriza o papel do professor e seu processo formativo.

A luta pela apropriação do conhecimento dentro do sistema escolar tem como objetivo superar o sistema capitalista que rege a sociedade atual, isto é, busca alcançar a plena socialização do conhecimento pela escola, de tal forma que a escola não tem poder de mudar sociedade, mas como a revolução é uma ação humana, ela depende da consciência, por isso é necessária à conscientização da classe trabalhadora organizada.

Além disso, o sistema capitalista também desvaloriza a educação, pois impõe um sistema voltado para a produtividade, agilidade, curta duração, preparação única e exclusivamente voltado para o mercado de trabalho, desvalorizando novamente a teoria. Dessa maneira, enquanto houver duas classes distintas que possuem acessos diferentes à educação escolar, em que uma possui uma educação fragmentária e utilitarista, haverá luta de classes. Segundo Maués (2003), é por causa dessa lógica que a educação passa a ser tratada como mercadoria e é o mercado quem determina o que é feito para que ela seja lucrativa.

A sociedade capitalista pautada pela ideologia liberal também impõe uma popularização da escola, só que esse processo ocorreria de uma forma esvaziada de conhecimento como forma de continuar atendendo às necessidades da classe dominante e afetando diretamente na formação do educador desvalorizando a necessidade de formação científica. Por isso a formação docente atual é resultado de um empobrecimento cultural baseado na lógica do capital.

Esse processo histórico reflete na sociedade atual, pois a humanidade se desenvolve absorvendo os modos de produção da anterior, mas isso não quer dizer que é necessário reproduzi-los, e sim assimilá-los para construir modos novos. “Não há produção do novo sem a reprodução do que foi construído historicamente.” (DUARTE, 2001, p.49).

Para atender a demanda do mercado, a educação básica assumiu o papel de formar esses trabalhadores. Porém, somente a formação continuada permitiria a garantia de permanência no mercado de trabalho, pois uma vez inserido é necessário se manter atualizado. Por isso, o ambiente acadêmico tem desvalorizado o exercício da crítica teórica nos programas de formação continuada, pois com o pouco tempo existente dificulta-se o processo de assimilar a totalidade fazendo com que a alienação aconteça, valorizam somente o imediatismo, de forma que torna-se um campo propício para a difusão da ideologia pós-moderna, a qual expressa a fragmentação social produzida pelo novo modo de acumulação capitalista.

As pedagogias que se baseiam no construtivismo contribuem para o esvaziamento da essência do trabalho educativo, pois elas passam a valorizar aquilo que o indivíduo aprende sozinho ao invés do que é aprendido por assimilação pelo contato com outras pessoas, sendo definido como “uma ação do sujeito sobre a realidade, e não como uma verdade objetiva” (MAZZEU, 2007, p. 152).

De acordo com essa concepção, a forma como é construído o conhecimento seria subjetivo, não haveria motivos para transmitir os conhecimentos socialmente existentes para o indivíduo. Dessa forma, a transmissão, elemento essencial do trabalho educativo, perde o seu valor, pois o educador assume o papel submisso de apenas acompanhar os processos de desenvolvimento e da aprendizagem dos alunos, ou seja, “a tarefa do professor não é ensinar, mas oferecer aos alunos possibilidades de construção dos conhecimentos”. (MAZZEU, 2007, p.159).

Para se adequar a essa linha, o professor teria que mudar até a sua linguagem, pois ela não precisaria transmitir conhecimentos, e sim, motivar os alunos para construir o seu conhecimento individual.

Não somente a linguagem, mas a formação do professor, também é alterada, pois se ele não irá transmitir os conhecimentos socialmente produzidos, não tem o porquê de aprendê-los.

Duarte e Martins (2010) apontam que o tecnicismo está diretamente ligado à modernização, responsável pelo surgimento dos recursos técnicos. Dentre todas as vertentes do tecnicismo, o pedagógico é que tenta substituir o professor já que as técnicas devem ser vistas como um instrumento para o professor utilizar em sala de aula e só funcionam de acordo com a importância que lhe é dada. Contudo, é preciso enfatizar ainda que as técnicas estão a serviço do processo de ensino, ou seja, para o professor e para o aluno, e não eles em função das técnicas. (ARAÚJO, 2013)

Com o advento das novas tecnologias a formação continuada dos professores foi sendo secundarizada. O ensino à distância emergiu com o discurso de baixo custo, eficiente e produtivo, porém o que acontece na prática é a fragmentação do ensino e de baixa qualidade. Além disso, é possível perceber que quem tem acesso a essa tecnologia são àqueles que detêm os meios de produção, ou seja, continua sendo uma relação de dominação.

Quando é valorizado somente o meio imediato ocorre a redução do conhecimento para uma percepção tácita da realidade, voltada somente para o cotidiano, sem realizar uma visão total do real e chegando a concepções fragmentadas da realidade. Por meio dessa lógica, a ideologia pós-moderna tem se difundido, pois valoriza somente o conhecimento subjetivo, aquilo que é construído pelas experiências.

Tendo em vista a importância do educador, ele também precisa ter consciência da relevância do seu trabalho, afinal, é o responsável por preparar as novas gerações. Saviani (2015, p.287) define “O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.” Ou seja, há uma análise sobre quais elementos culturais devem ser absorvidos para se tornar humano e qual a melhor forma para que isso ocorra, se referindo aos meios que serão utilizados e estes devem levar em consideração a individualidade de cada indivíduo. Para isso, o docente deve refletir sobre os problemas educacionais por meio de uma compreensão e análise das suas dificuldades e benefícios, tanto para si e para os alunos e como o sistema político e econômico interfere na educação.

Essa produção no ato educativo é direta em dois sentidos. O primeiro é devido à relação direta entre educador e educando e a segunda é o resultado direto do trabalho educativo como forma de humanização do indivíduo.

Para Oliveira e Abramowicz (2005), o professor além de questionar os conteúdos transmitidos para os alunos, também deve refletir sobre os conteúdos que são veiculados e se eles não estão sendo exibidos de forma estereotipada, sem contribuir com uma formação positiva de todos os alunos. Por isso, a formação do educador deve possibilitar que ele desenvolva o seu trabalho em busca de favorecer a construção de uma escola mais plural e democrática.

### 3. Considerações Finais

Tendo em vista as reformas educacionais que ocorreram no Brasil em 1990, desencadeadas por causa do documento emitido pelo Banco Mundial intitulado *Prioridades y Estrategias para la Educación*, que apesar de ser uma política com o objetivo de utilizar a educação como uma maneira de contenção da pobreza, instituiu que a finalidade da educação básica seria “formar indivíduos funcionais, adaptáveis às demandas do mundo do trabalho e da economia”. (MAZZEU, 2007, p.67).

Essas reformas ganhavam força por meio da teoria do professor reflexivo, da pedagogia das competências e da epistemologia construtivista, que valorizavam somente o saber-fazer, ou seja, “os saberes construídos “na” e “pela” prática em detrimento dos saberes acadêmicos, científicos”. (MAZZEU, 2007, p.180).

Essas competências estariam contribuindo para uma visão negativa sobre o ato de ensinar, os princípios da formação reflexiva não permitem que o professor compreenda a relação do seu trabalho com a prática social, descarta o conhecimento científico, de forma que não seja possível compreender a realidade com totalidade, difundido o conhecimento tácito nos programas de formação continuada. (MAZZEU, 2007).

De acordo com Saviani (1999, p.66), “O dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar aquilo que os dominantes dominam é condição de libertação”. Sendo assim, para conseguir transformar a sociedade é necessário apoiarmos o conhecimento científico de modo que o mesmo proporcione à classe trabalhadora fundamentos para lutar pelas transformações sociais. Além disso, a escola precisa ir além do cotidiano das pessoas e isso só pode ser feito por meio da transmissão das formas mais desenvolvidas e ricas do conhecimento, entretanto, não é interessante para a classe dominante que esse conhecimento seja adquirido pelos filhos da classe trabalhadora.

Os cursos de licenciatura e os programas de pós-graduação em educação deveriam possibilitar a quem se formou o necessário para desenvolver a pesquisa sobre educação em seu país. Consolidada essa formação, os alunos conseguem construir pensamentos concretos, embasados, não caem no discurso do “aprender a aprender” ou “aprender fazendo”. Por isso faz-se necessária a relação entre a produção do conhecimento e a universalização dele, só que para ser efetivo é necessário que o conhecimento científico se encaixe na realidade do aluno.

Saviani (2009) apontou que quando a docência se transforma em uma profissão atraente socialmente, deve haver uma melhoria salarial juntamente com as condições de trabalho. Dessa maneira, muitos jovens serão atraídos e irão investir para obter uma elevada qualificação. A partir do momento que se tem um quadro de professores extremamente bem formados e totalmente motivados para trabalhar integralmente em uma única escola é possível formar os cidadãos conscientes, críticos e competentes para o mercado de trabalho em um país que precisa recuperar sua capacidade produtiva. Assim sendo, começa a construir o círculo do desenvolvimento. Para dar início ao

desenvolvimento é necessária a elaboração de políticas públicas voltadas para a formação docente de modo que integrem a teoria e a prática.

O professor não deve estar no mesmo patamar que o aluno em uma sala de aula, há uma diferença de partida e igualdade de chegada. No ponto de partida é identificado o objeto da aprendizagem e no ponto de chegada é a conclusão do saber concreto. Para isso, é necessário romper com o pensamento de que o professor é somente um facilitador, pois na verdade ele é um transmissor de saberes sistematizados.

Portanto, a formação inicial dos professores tem que ser pensada em sua essência, utilizar a dialética e crítica para conseguir a verdadeira concreticidade. O público que é formado tem a responsabilidade de preparar as novas gerações, pois o professor é o transmissor dos conhecimentos históricos e culturais e assume o papel de unir a teoria com a prática em sua totalidade de forma a atuar na sociedade para realizar uma transformação.

Além disso, é necessário que a educação tenha como papel principal a socialização do saber elaborado. Saviani acredita que em uma sociedade dual conhecimento é poder, sendo assim, a socialização do conhecimento produzido historicamente torna-se uma ferramenta fundamental em prol da superação da alienação construída historicamente na sociedade capitalista por meio das relações de dominação.

Vale ressaltar que não basta possuir os saberes sistematizados na escola, mas também criar as condições para que o processo de transmissão-assimilação ocorra de forma efetiva e igualitária, deixando de lado o discurso pautado pela produtividade, buscando alcançar a qualificação e capacitação.

Portanto, conhecendo toda a importância do professor na escola e na sociedade é necessário formá-lo de modo que ele mesmo lute pela valorização escolar e suas condições de trabalho. Para isso a formação tem que ser sólida, permitindo a compreensão do trabalho educativo com totalidade, defendendo a socialização do saber elaborado, transmissão dos conhecimentos científicos e estimular a reflexão sobre o tipo de educação que ele irá propagar, assim é possível desenvolver uma práxis educativa consciente.

## Referências

- ARAÚJO, J. **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas: Papirus Editora, 2013.
- DUARTE, Newton. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.
- MARTINS, L.; DUARTE, N.; **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- MAUÉS, O. C. **Reformas internacionais da educação e formação de professores**. Cadernos de pesquisa, n° 118, março/ 2003.
- MAZZEU, L. **Formação continuada de professores: uma análise crítica sobre as perspectivas oficiais de capacitação docente**. 2007. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Araraquara, 2007.
- OLIVEIRA, F.; ABRAMOWICZ, A. **A formação de educadores e as diferenças**. In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 8., 2005, Águas de Lindóia. **Anais [...]**. Águas de Lindóia: Unesp, 2005. p. 49-59.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 32 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1999.
- SAVIANI, D. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, jan./abr. 2009.

SAVIANI, D. Sobre a natureza e a especificidade da educação. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 7, n. 1, p. 286-293, jun. 2015.